

## Nota de Abertura

ROSA NEVES SIMAS



## Os Direitos Humanos: Do Século XX ao XXI

Nas primeiras Notas deste ano, olhamos de perto para o atropelo dos Direitos Humanos das vítimas de Violência Doméstica neste “País dos Neto de Moura” em que vivemos. Agora, voltamos a atenção para o percurso dos Direitos Humanos, conceito que surge na sequência das lutas liberais e democráticas dos séculos XVIII e XIX.

Foi no século XX, após as duas Grandes Guerras, que o conceito tomou forma, no seio da Organização das Nações Unidas (ONU). Criada em 1945, a ONU foi concebida no rescaldo da Segunda Guerra, para que outro conflito igual jamais acontecesse. Na altura eram 51 estados-membros; hoje são 198.

Foi a ONU que proclamou, a 10 dezembro 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Reúne 31 Artigos abrangendo aspetos fundamentais. O Artigo 1 começa assim: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem comportar-se fraternalmente uns com os outros”.

Na altura, a pessoa que mais se empenhou neste desiderato foi a primeira mulher admitida na ONU: Eleanor Roosevelt, esposa de Franklin D. Roosevelt e primeira dama dos EUA entre 1933 e 1945, nomeada delegada da ONU em 1946, pelo presidente que seguiu o FDR, Harry S. Truman. Foi esta mulher empenhada, no seio de uma organização, então, exclusivamente masculina, que tomou a dianteira na conceção e elaboração da DUDH, e que lutou para que não fosse um tratado, mas uma declaração, dando voz aos anseios da humanidade, do século XX ao XXI. ♦

# Mulheres do Meu País

O Último Filme de Raquel Freire Apresentado na Lagoa no passado dia 11 de Junho

CLARA QUEIROZ  
GENETICISTA

Em *Mulheres do Meu País*, catorze mulheres falam alternadamente sobre as suas vidas, aspirações, anseios, preocupações, dificuldades, discriminações. Raquel Freire dedica o filme à escritora e jornalista antifascista, Maria Lamas, autora do livro *As Mulheres do Meu País*, escrito entre 1948 e 1950, em pleno fascismo.

Setenta anos depois, tal como Maria Lamas ao escrever o seu livro, Raquel Freire percorreu o país à procura das mulheres que apresenta. Nas palavras da realizadora, trata-se de “histórias interseccionadas de resiliência/resistência, de afirmação/emancipação, de celebração. Através da vida destas mulheres viajamos e conhecemos a riqueza do nosso país, continente e ilhas. Cada uma é um mundo diferente e todas juntas constroem



um fresco brilhante de coragem, força, diversidade que nos dá esperança para a conquista diária da alegria, tão indispensável à vida.”

O filme ultrapassa largamente as fronteiras das problemáticas feministas ao incluir mulheres de diversas classes sociais, idades variadas, diferentes etnias, algumas habitantes dos chamados ‘bairros problemáticos’.

Estamos perante uma bela obra, plena de significado e sen-

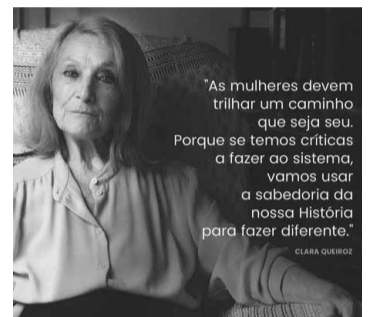
sibilidade, onde nos são apresentadas formas de luta pelos direitos das mulheres, contra o racismo, a violência doméstica, a diferença na funcionalidade física, a homofobia.

Com a presença do Primeiro Ministro, a ante-estreia em Lisboa esgotou rapidamente os 1354 lugares do cinema São Jorge e o filme foi aplaudido de pé por um público emocionado. ♦

Ver mais: *Facebook Mulheres do Meu País*



“Quero dedicar-me a este património tão rico das Sete Cidades. Por trás desta beleza natural há pessoas e uma cultura riquíssima que são invisíveis e faz sentido dignificar esta cultura desconhecida.”  
ADELAIDE COSTA



“As mulheres devem trilhar um caminho que seja seu. Porque se temos críticas a fazer ao sistema, vamos usar a sabedoria da nossa História para fazer diferente.”  
CLARA QUEIROZ



## Junho 2019

# Janela sobre o passado...

Durante a II Guerra Mundial, em países como o Reino Unido, a mobilização de civis foi muito significativa. Mais de um terço da população desempenhava “trabalho de guerra”, ocupando-se em indústrias ligadas à engenharia, produtos químicos, material bélico e munições. Muita desta mão-de-obra era constituída por mulheres que só eram dispensadas destas funções se tivessem grandes responsabilidades familiares ou para se dedicarem a tarefas agrícolas (necessidade de subsistências). Também na URSS, mulheres, de todas as idades, sofreram as consequências da guerra. A escassez de mão-de-obra e as terríveis privações obrigaram a mobilizar milhares de mulheres para trabalhar como encarregadas de defesa contra ataques aéreos, para cavarem valas anti-tanques ou para laborarem em fábricas de munições. As camponesas eram exortadas a produzir alimentos, durante todo o ano, para garantirem a sobrevivência de civis e militares. Em França, embora de-



SUSANA  
SERPA SILVA

sempenhando tarefas subalternas, foi muito importante a presença feminina em La Résistance, movimento de luta contra a invasão nazi e o colaboracionismo do governo francês. Figuras emblemáticas como Lucie Aubrac ou Suzanne Buisson lutaram ao lado dos maridos e, no ge-

ral, desempenhavam funções que não levantassem suspeitas aos alemães.

Já em países como o Japão e a Alemanha, a mobilização feminina foi muito reduzida. Na sociedade nipónica, os homens não toleravam que as mulheres exercessem determinadas funções e muito menos que auferissem salários elevados. Durante o conflito, o emprego feminino aumentou apenas nas áreas tradicionais (nos campos e mercados) e a maioria das autoridades japonesas defendia que o lugar das mulheres e mães era em casa, pois o enfraquecimento do sistema familiar, seria o enfraquecimento da nação. Na Alemanha, a relutância de Hitler em recrutar mão-de-obra feminina, remeteu as mulheres para o vo-



As mulheres e a II Guerra Mundial – de espias e militares

Fonte: <https://universoretro.com.br/mulheres-na-segunda-guerra-mundial-os-dois-lados-da-moeda/>

luntariado, chegando a existir a Organização das Mulheres Nazis que, todavia, foi pouco expressiva. Obtinham mais resultados pequenos círculos femininos locais, que além de recolherem roupas e tricotarem agasalhos para os militares que se encontravam na Frente, prestavam os primeiros socorros a vítimas de raids aéreos, assistindo também aos que eram evacuados. Todo este serviço era bastante desorganizado, pelo que muitas mulheres alemãs preferiram trabalhar para a Cruz Vermelha, em vez da Organização Bem-Estar Nazi, que era controlada pelo partido. ♦

*susana.pf.silva@uac.pt*